

# Cronista das imperfeições da vida

Por José Castello

*Valor Econômico*, 30.5.2014

## **Em tudo indefinidos, os personagens de Chico Buarque trazem a marca mais fundamental do homem contemporâneo**

Uma marca - uma ferida - se derrama sobre toda a literatura de Chico Buarque: a instabilidade. Nada é garantido. A insegurança predomina. A falta de solidez interior e o mascaramento definem os personagens. São seres volúveis, que atravessam a vida como podem, arrastando consigo suas dúvidas e suas perguntas. Não há um solo, mas um pântano. Basta lembrar o que ocorre com Eulálio Montenegro d'Assumpção, o personagem central de "Leite Derramado", romance de 2009. Enquanto agoniza em um leito de hospital, ele tenta reconstituir sua história de vida - que se mistura à história da República brasileira - ditando-a para alguém que tanto pode ser sua filha, Maria Eulália, sua ex-mulher Matilde, ou uma enfermeira. Alguém que é só uma máscara. Não é certo sequer que ele dite a história, talvez apenas delire. Claudicando, derrapando em incertezas, mas maravilhados, nós a lemos.

Nesses relatos quebrados, com idas e vindas, cortes, deslizos, em que predominam não a visibilidade, mas a cegueira, o personagem se constrói. Nada mais temos que pedaços de uma vida, ou vislumbres, partes que nem sempre se conectam e se completam - exatamente, aliás, como acontece na vida de qualquer um. A vida não é perfeita e Chico Buarque faz da imperfeição um dos elementos cruciais de sua escrita.

Eulálio dita suas memórias, ou imagina que as dita? Até que ponto devemos confiar nas lembranças de um homem que, agonizando, em vez de ganhar corpo, se fragmenta? A memória é uma armadilha, feita de lapsos, deslizos, furos. É, porém, tudo o que Eulálio tem - e é, de certo modo muito doloroso, também tudo o que temos. A agonia do personagem de Chico não é uma agonia de morte, mas de vida. Sustentando seu relato, está o sonho de sair do hospital, de se casar e morar numa fazenda. Os sonhos são a cola que confere alguma densidade às lembranças. Pois, na medida em que é incoerente, a memória destrói a história, em vez de construí-la. Tanto que, quanto mais Eulálio recorda, mais perdido ele está e mais capenga é sua narrativa. A figura da mulher Matilde, fugidia, e da filha, que teria sido encontrada no lixo, acentuam esse derramamento. Nada se sustenta. No fundo, o relato de Eulálio é só uma forma de preencher o tempo. Talvez esse seja o papel da literatura: desenrolar narrativas sobre o tempo para que ele se torne mais aceitável e nos forneça a ilusão de um sentido.

Chico Buarque é um escritor que consegue manejar com firmeza a falta de consistência e as ambiguidades que caracterizam a vida contemporânea. Não tem medo dos aspectos dúbios, dos paradoxos, das situações incompletas; ao contrário, dessa complexidade ele retira a força de seus relatos. É o que acontece em um romance como "Estorvo", de 1999, uma sucessão de fatos enigmáticos distantes de qualquer ilusão de coerência. O que define o homem não é a coerência, mas a incoerência; a literatura de Chico apenas cede a essa incômoda verdade. Através do olho mágico de sua porta, o protagonista de "Estorvo" vê um desconhecido. Pode ser que já tenha visto aquele rosto. Das feições indefinidas e da experiência do desconhecimento surge uma aventura que nos é oferecida como uma narrativa. O protagonista de romance habita um limite no qual sonho e realidade não se separam. Ele vive desse cruzamento. Precisa suportá-lo. Ele é a própria condição de sua existência. A mistura é o que o impede de avançar - estorvo, isto é, obstáculo -, mas é também o que o faz avançar. É no escuro, saltando obstáculos e adversidades, que vivemos.

Os personagens de Chico Buarque têm diante de si, sempre, uma série de desafios intransponíveis. E é porque não podem ser transpostos que eles conferem à vida uma impressão de estabilidade. De paralisia, que se mantém como regra, como destino que devemos aceitar. Paralisia instável, como se caminhássemos (afundássemos) em uma planície inundada. Também o "ghostwriter" José Costa, do romance "Budapeste", de 2003, habita a corda bamba. O caráter duplo de sua vida de escritor por encomenda já é um sinal da volubilidade em que está retido. Na Hungria, ele se transforma em Zsoze Kósta, uma espécie de falsificação da falsificação. Quem é ele, afinal? Eis uma pergunta que Chico nos oferece com grande resignação, já que nem ele mesmo, provavelmente, sabe respondê-la. A realidade é fluida, não é digna de confiança. É imperfeita e mutável, nada é garantido - e isso já começa em nossa vida pessoal, como Kósta nos mostra. Chico coloca em questão a solidez e retidão dos personagens realistas que quase sempre deram a marca da literatura brasileira. Em seus romances, o leitor não está pisando na seca de Graciliano, ou no mundo colorido de Jorge Amado, ou no pampa de Erico Veríssimo - ele nunca sabe onde está pisando. E, em consequência, nunca sabe onde está também.

As perguntas são muito mais frequentes que as respostas. As dúvidas, muito mais comuns que as afirmações. Chico Buarque nos introduz em um mundo no qual nada tem lugar e nome certo. Seus personagens são estrangeiros em um mundo que pisam pela primeira vez. Estão exilados daquelas qualidades - caráter, certezas, nome - que caracterizam o humano. No entanto, e paradoxalmente, essas oscilações são a marca mais fundamental do homem contemporâneo. Todos nos multiplicamos e nos dividimos para viver. Nesse aspecto, a literatura de Chico sincroniza com a vida atual, ela também pulverizada e indecifrável.

Já em "Benjamin", romance de 1995, o protagonista, Benjamin Zambraia, se encontra preso na rede de suas próprias obsessões. Nada em sua existência é muito nítido - e ele descobre que o mundo tem a estrutura de um pesadelo. Tem a impressão de que sua vida é filmada - e que ele não passa de um personagem de si mesmo. Essa duplicação confere ao mundo, mais uma vez, uma grande fragilidade. Se a vida é um filme, onde fica a realidade? Como qualificar de real uma experiência que se dissolve nas sombras e que se disfarça? Em vez de ser acolhedora e digna de confiança, a realidade se mascara - sintoma de nossa época de nomes falsos, de identidades fluidas e de mascarados - e se torna um obstáculo à própria existência. Em quem se pode confiar? Como sustentar a confiança em si mesmo? Sinais do mundo contemporâneo se espalham por toda a obra de Chico Buarque, que, com o avançar do tempo, se torna cada vez mais atual. Ela sincroniza com o mundo líquido que nos cabe viver, sem garantias, sem convicções seguras, sem certezas. Um mundo em que tudo pode ser tudo. Um mundo de que só a literatura, poderoso instrumento de desmascarar o real, consegue dar conta.